Resta uma aliança na palma da minha mão | Pedro Tierra

29/06/2022

Contra o olvido do assassinato de Bruno Pereira e Dom Phillips

I.

A urna silenciosa
protege dos meus olhos
a carne destroçada
de um homem morto.

Essa é a insuportável verdade
que meus olhos
e meu coração
recebem das mãos de um estado cúmplice.

Para iludir o espanto do país
diante do horror,
do horror que nos assalta
(e nos define),
a urna mortuária cerca
no contorno de sua madeira opaca,
lacrada,
os ”remanescentes” do corpo
a caminho do pó e do esquecimento.

Alessandra: Poderá o poeta atender
à dimensão da dor que me devasta o peito?
À palavra que a língua recusa proferir?

Ouço a voz de Beatriz
quando o coro dos Xucuru entoa o Toré,
nessa tarde gris
e semeia as cinzas de Bruno
num caminho de estrelas

em véspera de explodir.

Sei que não haverá urna capaz
de encerrar sonhos partilhados.

E não haverá como prender
a canção que cavalga
os ombros do vento,
o voo das araras
vermelhas, azuis, canindés…
sobre o vale do Javari,

a ternura entoada
pela voz de povos-criança,
últimos descendentes
da inocência do mundo.

Curiosa gente
que designamos selvagens,
antes de matá-los.

II.

Reerguer a memória da tarde.
Inscrever, na pedra, no metal,
no silício,
em todas as telas que fragmentam
nossa percepção do real,
os nomes: Bruno Pereira,
Dom Phillips.
Como um sinal.

Cortados assim à fogo
que a um só tempo queima e ilumina.

Para nos condenar à vigília
e manter acesa a memória da barbárie.

E dizer a quem nos queira ouvir:
somos a nação que pratica
e recusa a barbárie.

E fundir, por fim, com a luz de suas vidas
uma aliança como a que resta
na palma de minha mão.
Uma aliança que clama por justiça
contra a maldição do olvido.

Pedro Tierra

Compartilhe nas redes: